



CONTOS INFANTIS E FÁBULAS: RELEVÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO SER CRIANÇA

KRUG, Flavia S. (UPF)¹

RESUMO: O presente artigo versa sobre a relevância dos contos infantis e das fábulas, considerando-se o desenvolvimento da imaginação das crianças, destacando-se tópicos como fantasia nos enredos; contos e fábulas infantis voltados à formação do ser infantil e exploração dos recursos a partir do enredo dos contextos. Abordou-se a importância de se contar histórias com a finalidade de demonstrar a dimensão pedagógica que elas representam, bem como os aspectos que favorecem a criatividade infantil em uma abordagem reflexiva e analítica acerca do uso dessas narrativas. Nesse seguimento, enfatizaram-se, também, alguns criadores e suas obras clássicas a fim de reiterar aos leitores, amantes dos clássicos, por mais leituras de formação que se tenha adquirido até então, restar, ainda, uma considerável quantidade de obras por serem apreciadas. A influência, em particular, que a leitura dos contos infantis e das fábulas presenteia seus leitores, promovendo em cada encontro algo significativo e inovador, reafirma, por sua vez, que os livros não terminam de nos revelar o que realmente pretendiam. Contos infantis e fábulas apresentam-se aos leitores, sob forma de transformação social, geralmente, com final feliz, para mais tarde, conquistarem a condição da realidade, exprimindo desejos individuais ou coletivos até então, contidos. Com o intuito de resgatar a fantasia e a liberdade imaginária do leitor, em especial dos pequenos, teve-se em fundamentar a função dos contos infantis e das fábulas, constatando a forma de suas figurações elementares ao longo dos séculos a fim de não dispensar sua funcionalidade e identidade, havendo tomada de consciência social.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginação. Criatividade. Criança.

ABSTRACT: This article expounded on the importance of children's stories and fables, considering the development of the imagination of children, highlighting topics such as fantasy in plots; fairy tales and fables aimed at formation of the child; exploration of resources from the plot of contexts. He addressed the importance of storytelling in order to demonstrate the educational dimension they represent, as well as aspects that favor the children's creativity on a reflective and analytical approach on the use of these narratives. In this follow-up, lay emphasis on, too, some breeders and their classic works in order to reiterate to readers, lovers of the classics, however readings of training that has been gained so far, remain also a considerable amount of works to be appreciated. The influence, in particular, that the reading of fairy tales and fables presents its readers, promoting in every encounter, something meaningful and innovative, reaffirms, in turn, that the books do not stop to tell us what really intended. Children's tales and fables are

presented to readers in the form of social change, usually with a happy conclusion, to later win the condition of reality, expressing individual and collective desires hither to contain. In order to rescue the fantasy and the imaginary freedom of the reader, especially of small, confined itself to support the role of fairy tales and fables, noting the shape of their elementary figurations over the centuries in order not to dismiss their functionality and identity, with making social consciousness.

KEYWORDS: Imagination. Creativity. Child.

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos o tema “literatura”, somos transportados para o imensurável universo conhecido como “imaginação”. Não sabemos ao certo em que idade, forma ou circunstância, ela nos foi apresentada, tampouco quando surge na vida dos pequenos. No entanto, ao se fazer presente, gera significações especiais na etapa inicial de formação do ser em sua personalidade, influenciando o desenvolvimento cognitivo emocional.

A literatura é arte. Como tal, as relações de aprendizagem e vivências, estabelecidas entre leitor e enredo, motivam a imaginação dos pequenos, transportando-os para o mundo da fantasia criado em torno da trama. A criança, em contato com as histórias, construirá dentro de si inúmeras ideias proporcionadas pela descoberta de outros lugares, épocas, diferentes modos de agir, bem como curiosidades e respostas para as dificuldades de resolução dos conflitos cotidianos.

Por meio da literatura, somos agraciados com elementos significativos que nos proporcionam espaço privilegiado ao estímulo do ato de ler, item criador de hipóteses mágicas para a expansão da criatividade.

Ao propiciarmos asas à fantasia, em especial a partir de contos infantis e de fábulas, produzimos e fundamentamos o desenvolvimento pedagógico da criança, implantando significados profundos nessa etapa da vida, com extensão na vida adulta.

Para que desenvolva a estrutura emotiva a fim de assimilar vivências e usufruí-las com intensidade, será necessário que a criança participe do mundo inventivo dos contos infantis e das fábulas, haja vista que o ser infantil é naturalmente surpreendente.

As fantásticas histórias infantis regem o poder de envolver e encantar por seu conteúdo, instigando-nos a comover-nos com o destino das personagens, que causa impacto em nosso psiquismo. São experiências e sentimentos do cotidiano como ódio, inveja, ciúme, ambição, rejeição e frustração, de forma compreensível e vivencial para a criança mediante o mundo encantado que as narrativas nos apresentam.

Quando o mundo da invenção é apresentado aos pequeninos, as personagens assumem papéis sensíveis, esperançosos, otimistas e confiantes na vida deles, tornando-se parte inquestionável para o seu emocional, levando-os a identificar-se facilmente com determinados pontos do *script*.

Mergulhar com prazer no faz de conta dos contos infantis e das fábulas é enriquecer e engrandecer as próprias emoções iniciadas de maneira simples. Seguem-se caminhos desde os mais singelos do cotidiano até os problemas ligados à realidade como a carência afetiva, pobreza ou conflitos familiares, na busca de soluções para tais contextos, pelo acesso a figuras “mágicas” como fadas, anões, bruxas, gnomos, heróis, entre tantos que abordarão situações até então desconhecidas do pequeno mundo.

Pode-se pensar, que a criatividade dos contos infantis e das fábulas, é uma forma de utilização finalizada da fantasia e da inventividade, abrangendo diversos aspectos psicológicos, sociais, econômicos e humanos. Em outras palavras, para os pequenos, a imaginação é o meio para tornar visível o que pensa a fantasia.

OS ENREDOS E O SER CRIANÇA

Por um lado, o significado mais profundo das histórias, diferencia-se para cada leitor nos tantos momentos da vida, funcionando como instrumento voltado a descoberta das emoções incutidas no âmago infantil, até mesmo nos adultos.

Do mesmo modo, Bettelheim (2007), entendeu que:

Só partindo para o mundo é que o herói dos contos infantis e fábulas (a criança) pode se encontrar e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto e a fábula orientam o futuro e guiam a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a ao abandonar seus desejos de dependência infantil, conseguir uma existência satisfatoriamente independente.

A inventividade torna possível a compreensão do leitor infantil, aproximando-o do mundo real, embora ainda não seja apto a encontrar respostas concretas, para vivenciar o que ouve e/ou vê, mesmo que disso usufrua.

Além disso, o hábito de ler clássicos desperta nos pequenos descobridores o gosto pela viagem, pela imersão no desconhecido e pela exploração da diversidade. A satisfação em ser transportado para outro tempo, outro espaço, de viver uma vida com experiências diferentes do cotidiano lhes permite criar distanciamento, mesmo

que imaginado, que, por sua vez, auxilia-os com o entender melhor o significado das experiências (COELHO, 1987).

A leitura dos contos infantis e das fábulas carrega consigo a importância fundamental da multiplicidade direcionada às crianças. O valor pedagógico que desempenha um rico papel na alfabetização, face ao primeiro contato com o ler e o escrever, favorece o pensamento abstrato, ressaltando o espiritualismo a partir dos conflitos entre mais diversos personagens, contribuindo para a formação do caráter e da personalidade dos pequeninos.

No século 20, entre as décadas de 75 e 85, ocorreu o surgimento de novos livros que se valeram de histórias parecidas com os eternizados clássicos, recheadas de fadas, madrastas, príncipes, donzelas e heróis, que se serviram de elementos relevantes e temas contemporâneos de extremo interesse para as crianças brasileiras, dentro e fora do contexto familiar, social e cultural (ZILBERMAN, 2005).

Pode-se entender que esse gênero textual externa/externaliza o cotidiano narrado pelos personagens e suas aventuras, compreendendo sentimentos que os convidam a um aprendizado prazeroso e significativo, permitindo-lhes, ainda, sugar dos livros, onde habitam, a moral da história, incorporando-a aos ensinamentos e atitudes diárias. Cabe, ainda, frisar que as personagens oferecem modelos e papéis que, desde a infância, facilitam a relação com o hemisfério, funcionando como uma porta de entrada para o mundo da fantasia e, como se pode ver, também, uma porta de saída para a vida real.

Contudo, Hunt (2010), evidenciou que as crianças apresentam estágios diferenciados em relação às atitudes perante a morte, o medo, o sexo, as perspectivas, o egocentrismo, a causalidade, entre tantas outras. Demonstram, por si mesmas, facilidade em relação ao pensamento radical e modos de compreensão dos textos, tornando-se flexíveis em suas percepções de leitura, por tratar-se de brincadeira (um elemento natural ao seu perfil), percebendo a linguagem como exploração lúdica. Crianças, segundo ele, possuem um perfil ilimitado entre fatos e fantasias, entre o desejo e o real, atribuindo características humanas aos objetos inanimados de maneira menos controladora e obsessiva, como na visão dos adultos.

Neste caso, os contos infantis e as fábulas, facultam aos pequeninos, a possibilidade de relacionamento entre obra e leitor, livremente, enfatizando que as ilustrações que as constituem, por exemplo, suplantam a condição de apresentar-se à matéria principal dos livros, subordinando-se às palavras e às temáticas (LAGO, 1998).

A esse respeito, pode-se afirmar que as ilustrações representam o imaginário infantil povoado por figuras relacionados a situações que decorrem do conhecimento literário do escritor. O fato das crianças ainda não alfabetizadas não decifrem palavras

impressas nos livros, nada as impossibilita de pertencerem ao fantástico mundo da leitura, haja vista o universo das representações desenhadas, serem dotadas de extrema significância e comunicação, por si próprias, passando a povoar o cotidiano de quem as lê, mesmo que somente em seu colorido e arte (ZILBERMAN, 2005).

O próprio Hunt (2010), recordou-nos que:

O envolvimento com as palavras está no coração da experiência literária. É o estilo que, em última instância, decide a qualidade de uma história [...]. O estilo pode ser desfrutado pelas crianças sem ser identificado por elas, mas é essencial que nós, adultos que selecionamos os livros para as crianças, nos exercitemos quanto à sensibilidade em relação às palavras que transmitem a história.

Nesse sentido, convém entendermos, ser a literatura a responsável por juntar língua e formas variadas de complexidade, ainda assim, proporcionando a inserção da criança a esse meio, permitindo o encontro do escritor com o leitor de maneira expressiva, reforçando o sentido da narrativa (HEEKS, 1977).

A literatura, em especial os clássicos, instituem-se por produzirem conhecimento, constituído de beleza, dotado de uma geografia espiritual de encantamento responsável por preservar, no homem, valores culturais em seu lado humanizado. Sem se opor ao conhecimento científico, ela torna-se complemento indispensável para diferentes ações que respondem às necessidades sociais e individuais dos sujeitos, à medida que ocorrem transformações de mundo, significativas.

CRIAÇÃO E SEUS CRIADORES

Quando ainda não existiam escolas, imprensa, os livros eram copiados a mão, e o mundo ainda era um enorme continente inexplorado, as histórias representavam um caminho para a educação de valores, postura de vida, costumes. Fantasia e ludismo surgiram da minimização de enredos controversos e polêmicos, próprios da situação da época e de uma civilização distante de conceitos, a qual carecia da necessidade de inebriar-se com a inventividade, pois o termo “infância”, para a época, inexistia.

A primeira coletânea de contos infantis surgiu no século XVII, na França, organizada pelo poeta e advogado Charles Perrault, amplamente difundida posteriormente, no século XVIII, a partir de pesquisas linguísticas, realizadas na Alemanha, por intermédio dos Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm). Esse gênero continuou sendo difundido pelo poeta dinamarquês Hans Christian Andersen, outro nome renomado e reconhecido no meio literário, mesmo após múltiplas mutações que esse

tipo de narrativa sofreu ao longo dos séculos.

As histórias recolhidas por Perrault tinham origem na tradição oral, as quais, até então, não haviam sido documentadas. Oito histórias marcaram o momento: *A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; As Fadas; Cinderela* ou *A Gata Borracheira; Henrique do Topete*, e *O Pequeno Polegar*. Em muitas das versões de Charles Perrault, quando ainda não havia a preocupação em adaptar os contos recolhidos da tradição oral, não existia, por exemplo, a imagem do Caçador (figura que desponta para salvar a desprovida Chapeuzinho, e sua avó, do possível final entristecedor), e a narrativa de *Chapeuzinho Vermelho* apresentava enredo fulminante, pontos polêmicos, e com final trágico para as personagens.

Por sua vez os Irmãos Grimm (poetas alemães, idealizadores de ideias cristãs, que dominavam o pensamento da época, e cometiam diversas alterações no enredo de alguns contos), utilizavam-se de invariantes linguísticas, originadas nas narrativas orais, inevitavelmente. E o acervo de ambos tratava de histórias maravilhosas, disseminadas de geração em geração, tais como: *Branca de Neve e os Sete Anões*.

Mais adiante, despontaram as histórias infantis apresentadas pelo dinamarquês Hans Christian Andersen, que seguia a estrutura defendida pelos Irmãos Grimm, e suas obras apresentavam-se permeadas pelos mesmos ideais, defendendo valores morais e a fé cristã. O escritor criava elementos que falavam às crianças sobre a necessidade de compreender a vida como um caminho tortuoso, a ser percorrido com retidão e resiliência, para que, enfim, na morte, o céu fosse alcançado. Tal característica o diferenciava dos modelos anteriores das narrativas, pois as suas eram eivadas de melancolia, nem sempre com finais felizes, assim como *A Pequena Vendedora de Fósforos*. Na história, a menina humilde e vendedora de fósforos, morre de frio e de fome, ignorada pelos transeuntes.

Para os conhecedores dos contos infantis dos ilustres literatos descritos acima, torna-se perceptível a preocupação dos escritores da época em relatar fatos da vida de pessoas simples, porém dominadas por aventuras e contradições, a serem repassados para os pequenos. Diante disso, propunha-se o entretenimento, idealizando as personagens mediante o artifício da perfeição, da beleza, do poder, da sagacidade e dos poderes sobrenaturais. Para o período, as sociedades antigas exigiam a necessidade de se utilizar dessas narrativas como forma de educação, inserindo-as no cotidiano, com o objetivo de formar cidadãos com personalidade (MENDES, 2000).

É notório observar que os tempos eram outros: não havia preocupação com aspectos lúdicos. Sabe-se, hoje, que as temáticas consideradas inapropriadas influenciam de forma negativa, não se aceitando a linguagem original, empregada nas

primeiras versões dos contos infantis e das fábulas.

A partir de uma leitura reflexiva, percebeu-se resquícios do universo assustador que habitava as histórias originais, existiram para que se aprimorasse, de maneira perceptível, a evolução na categoria de forma simbólica, edificando o gênero, tornando-se ao longo dos tempos envolvente, sem perder a originalidade.

Em relação às fábulas, integrantes do gênero narrativo, nos foram escritas pelo escravo Esopo que viveu no século V a.C., na Grécia. Detentoras de caráter moral e alegórico, retratavam animais e mitos nas mais diversas situações por meio de diálogos que visavam a transmitir lições de moralidade. Esopo não escrevera suas histórias. Elas eram narradas e percorriam os caminhos geográficos por meio do troca-troca de palavras entre os ouvintes e apreciadores do seu talento. Pode-se afirmar que as fábulas eram contos populares direcionados à moralidade, lição de inteligência, de justiça, de sagacidade, trazida até nós pelo passar dos tempos.

Assim, pois, Zilberman (2005), reforçou:

[...] a fábula não é um gênero educativo, e sim literário, e só é eficaz quando tem meios de apresentar temas que só podem entender graças ao poder de simbolização do texto. E, se o texto está apto a representar ideias de modo simbólico, ele requer interpretação, vale dizer, participação do leitor, que o absorve conforme suas experiências, gostos e preferências.

Produzidas em prosa ou verso, demonstravam, de certa forma, o comportamento do homem na sociedade animal, fortalecendo sua vitalidade, inteligência e força. Por serem faladas, possibilitavam se apresentar de várias formas e com diversos finais, sempre representando o comportamento de um determinado grupo de pessoas, perpassando histórias formalizadas para ditar uma moral ao final do enredo, partindo sempre do conto de origem.

A CRIANÇA, O CLÁSSICO E O IMAGINÁRIO

Por meio dos contos infantis e das fábulas, é possível despertar nas crianças o prazer em ouvi-las, sendo um importante recurso, para sua formação, pelo simples fato de os enredos estimularem a criatividade, a imaginação, a brincadeira, a leitura, a escrita, a música, o "ouvir novamente", carregado de oralidade, numa faixa etária emergente de comunicação. Tais aspectos contribuem para reafirmar que a literatura é a expressão mais significativa dessa ânsia permanente do saber, que domina a vida e caracteriza o homem em todo o seu evoluir (COELHO, 2003).

Nesse sentido, Hunt (2010), descreveu:

Tanto as crianças que leem os livros como a maioria dos adultos que lidam com eles não sabem nada de sistema de valores literários e de leitura descontextualizada; não conseguem compreender seus sentidos, vendo-os como ilógicos e ameaçadores. Mas a crítica está mudando. Ela possui elementos valiosos que nos ajudam a entender de que maneira pensamos: ajuda-nos a trabalhar com textos e com pessoas.

Entretanto, o despertar intelectual de uma criança, através da história, depende de mitos, religiões e contos, os quais agirão diretamente na imaginação, estimulando a fantasia, importante agente socializador. A partir dos conteúdos dos mitos, lendas e fábulas, formar-se-ão conceitos de origens e desígnios acerca do mundo e de seus padrões sociais (BETTELHEIM, 2007).

Sabemos que não tem sido fácil preservarmos a beleza e a fantasia dos enredos, nem tampouco a utilização das fábulas, tomando por exemplo, no ensino. Existe uma considerável resistência, desde muito cedo, na nova didática. Entretanto e de maneira intransigente, porém não menos instigante, Rosseau (2007 apud Mendes, 2000), questionou o valor das fábulas e o grau de instrução que elas teriam e exerceriam sobre as crianças, levando-nos a refletir acerca da sua consideração. Para ele, a realidade que se utilizam as fábulas não se trata de verdades absolutas, impedindo as crianças de entendê-las. Indagou, ainda, a moral disposta pelo estilo de escrita das fábulas, apresentando-se com dualidade e polêmica, necessitando cuidado redobrado e seleção criteriosa de elementos antes de ofertá-los ao mundo infantil. Na concepção de Rosseau, tais ingredientes deveriam ser melhor conceituados, dispostos, objetivos e claros, a fim de proporcionarem condições adequadas à sua interpretação.

Neste caso, em relação à literatura, em especial para os pequenos, não será diferente, a julgar, pois, que os livros lidos na infância, permanecerão na memória do adolescente e do adulto, tornando-se, certamente, responsáveis por bons momentos, aos quais as pessoas, não cansarão de regressar (ZILBERMAN, 2005).

Uma obra é considerada clássica, e de referência em qualquer época, quando desperta a emoção humana. Prova disso, dispomos de vários recursos que servem de abertura para que os pequenos se permitam imaginar e despertar a curiosidade, respondendo aos estímulos dos enredos (HUNT, 2010).

Prova disto, tomamos como exemplo a maravilhosa interpretação do ator americano James Baskett (1946), que tornou-se célebre ao dar vida a personagem "Tio Remus", na obra cinematográfica da Disney, "*Song of the South*" (Canção do Sul), ao cantar a música "*Zip-a-Dee-Doo-Dah*". A maestria e encantamento com que o intérprete vivenciou sua saída da "vida real" para "o mundo da imaginação",

nos proporcionou um momento mágico e sublime, tornando-o impossível ao esquecimento. Contudo, James, o primeiro ator negro a ser premiado com a estatueta do Oscar, infelizmente, por questões raciais, não pôde assistir a estreia do seu filme.

A leitura de contos de fadas não impede as crianças de perceberem o mundo em que vivem. Ao contrário, poderá fornecer-lhes ferramentas para lidarem com ele. Ler, na infância, funciona tal como o brincar, como o fingir ter um amigo imaginário, ou ainda desempenhar um papel de um grande herói em um game. Tudo é válido a medida que contribuir para a aprendizagem e a experiência da vida (HUNT, 2010).

Os contos de fadas, a fantasia e a ficção-científica, por exemplo, têm desempenhado um papel importante na progressão científica. A professora e autora Maria Helena Martins, chamou a atenção para a saudável competição do universo escondido nos livros, que segundo ela, estimulam no pequeno leitor a descoberta e o aprimoramento da linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo (MARTINS, 2004).

Desse modo, a autora afirmou que o contato sensorial com o objeto livro, revelará “um prazer singular” para os pequenos. A criança, por meio dos sentidos, é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter (MARTINS, 2004). A este propósito, a leitura de contos infantis e fábulas, ilustram a ideia de que ao inteirar-se, leitor e leitura, tornam-se parceiros, acumulando suas bagagens cognitivas, tornando-se um único contexto (ZILBERMAN, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa reflexão, concebeu-se que os contos infantis e as fábulas continham a finalidade de divertir, mais do que instruir as pessoas da época, mostrando padrões do que era certo ou errado entremeio às histórias de reis, rainhas, príncipes, princesas, provocavam, e ainda o fazem, um turbilhão no imaginário de quem as lê com a mesma intensidade que outrora.

Por terem sido elaboradas em outro período histórico, tornaram-se adequadas e relevantes para a compreensão do contexto histórico daquele século.

Leituras clássicas tornam-se clássicas porque se perpetuam. As obras infantis devem ser respeitadas, tanto quanto a literatura direciona-se para os adultos, visto que ambos os gêneros sofrem alterações de acordo com a cultura e o tempo.

Percebeu-se, sensivelmente, que o trabalhar com a Literatura Infantil enriquece as faixas etárias diferenciadas, ocasionando a interação do adulto com a

criança e a interação entre crianças no momento da contação da história. Obviamente, para se iniciar um leitor na criatividade e na imaginação, há que se dispor de recursos consideráveis. Nada mais justo que investirmos na ideação, recorrendo à fantasia pressentida como porta para abertura das verdades humanas ocultas. A partir dessa perspectiva, os contos infantis e as fábulas deixarão de ser vistos apenas como “entretenimento infantil”, passando a desempenhar redescobertas autênticas das fontes de conhecimento do homem e sua afirmação no mundo, haja vista ser sua natureza realista, processos de alterações interiores individuais, objetivando o crescimento e a busca do saber.

É importante que as crianças tenham conhecimento acerca dos contos infantis e das fábulas; desse modo, por serem recursos lúdicos, carregados de magia e fascínio, lhes possibilitará confrontar características fundamentais do ser humano, percebendo dilemas existenciais apontados de maneira breve e decidida. Dessa forma, lhes será permitindo compreender a essência veiculada pelos autores das obras. Deverão atentar, sem esquecimento, que contos infantis e fábulas são ambivalentes, assim como o ser humano o é na vida real.

Nessas condições, criar o hábito de contar histórias é fazer com que a criança se interesse pela linguagem oral e escrita, tornando a circunstância prazerosa e não algo a ser realizado obrigatoriamente, presumindo-se, que, a presença do imaginário e da fantasia, nesse processo de desenvolvimento da aprendizagem, far-se-á imprescindível para que as crianças confiem em suas habilidades.

À medida que se observar o real significado dos contos infantis e das fábulas, como o coração dos livros, adquirimos a sensibilidade de compreender o que significa fazer parte desse contexto, atravessando séculos sem perdermos a raridade de expressão através da leitura, independentemente da idade, sendo remodelados e redescobertos dia após dia.

Por meio do universo literário, os clássicos, de forma orgulhosa, preservam sua espécie e essência, permanecendo como possível reserva de cultura para a formação humana, ocupando, culturalmente, um lugar privilegiado em relação ao exercício de liberdade, inquietação e perplexidade, reafirmando a missão de civilizar o homem para melhores formas de vida.

Pode-se dizer então, que o ganho com isso será incalculável e, com certeza, a imaginação estará recheada de encantamentos, de maneira sutil e permanente, exalando a beleza do expressar “*Era uma vez...*”

NOTAS

¹Mestranda em Letras – UFP – Passo Fundo, RS. Graduada em Letras Português e Respetivas

Literaturas – URI – Erechim, RS. Professora e Secretária Escolar no Colégio Marista Medianeira – Erechim – RS.

REFERÊNCIAS

BASKETT, James. *Your life*. Disponível em: <http://disney.wikia.com/wiki/James_Baskett > Acesso em: 10 fev. 2015. 14h22m.

BETTELHEIM Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

COELHO, Nelly N. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2003.

HEEKS, Peggy. *Scavenging across the sorder*. The Times Educational Supplement 21, p. 21, 1977.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

LAGO, Angela. *Uni, Duni, Tê*. Belo Horizonte: Comunicação, 1998.

LAJOLO, Marisa. *Para conhecer histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1993.

MARQUES, José de O. A. *Reflexos de Rousseau*. São Paulo. FAPESP, 2007.

MARTINS, Maria H. *O que é a leitura?* São Paulo. Brasiliense, 2004.

MENDES, Marisa B. T. *Em busca dos contos perdidos*. Os significados das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Unesp, 2000.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2005.